



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 9, número 2, maio-ago. 2020

CONSIDERAÇÕES SOBRE AUTORIA, MEMÓRIA E ESCRITA AUTOFICCIONAL A PARTIR DO ROMANCE *OUTROS CANTOS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE



CONSIDERATIONS ON AUTHORSHIP, MEMORY AND SELF-FICTION FROM THE NOVEL *OUTROS CANTOS*, BY MARIA VALÉRIA REZENDE

Janaína Buchweitz e SILVA
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 28/02/2020 • APROVADO EM 14/05/2020

Resumo

O presente artigo analisa questões sobre autoria, memória e escrita autoficcional a partir do romance *Outros cantos*, da autora Maria Valéria Rezende. Partindo de Straub (2007), que defende que a forma como descrevemos o que aconteceu permanece constantemente em aberto, já que o sujeito reconstrói o tempo passado no presente a partir de relações de seletividade, relevância e estruturação simbólica, e entendendo o tempo próprio da lembrança como sendo o presente, conforme aponta Sarlo (2007), percebe-se na narrativa de Rezende a reunião de memórias individuais e coletivas que testemunham experiências e refazem continuamente a narrativa da vida. Entendendo ainda a autoficção como uma narrativa híbrida, conforme apontam Santiago (2008) e Klinger (2012), percebe-se que a autora se constrói discursivamente ao utilizar-se de uma narrativa em primeira pessoa que joga com o

leitor, e que embaralha elementos autobiográficos e ficcionais em uma escrita autoficcional que se utiliza da subjetividade do relato para abordar ainda o importante período histórico brasileiro que foi a ditadura, em um ato político de luta contra o esquecimento.

Abstract

This article analyzes questions about authorship, memory and self-fiction from the novel *Outros Cantos*, by Maria Valéria Rezende. According to Straub (2007), who argues that the way we describe what happened remains constantly open, since one can reconstruct the past in the present time from relations of selectivity, relevance and symbolic structuring, and understanding the time of remembrance as being the present, as points Sarlo (2007), it can be perceived in the narrative of Rezende the meeting of individual and collective memories that testify experiences and continuously remake the narrative of life. Understanding self-fiction as a hybrid narrative, as pointed out by Santiago (2008) and Klinger (2012), it is noticed that the author has built herself discursively by using a first-person narrative, that plays with the reader, and mix autobiographical and fictional elements in a self-fiction writing, that uses the subjectivity of the story to address one the most important Brazilian historical periods, that was the dictatorship, in a political act of resistance against oblivion.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Escritas de si. Autoficção. Autoria. Memória.

KEYWORDS: Writing of oneself. Self-fiction. Authorship. Memory

Texto integral

As relações entre literatura e história são permeadas pela questão do caráter ficcional e da construção narrativa, assim como pelo debate sobre o que confere a um texto o seu caráter ficcional ou histórico, assunto que envolve a questão da presença do real e do fictício em textos de ambos os campos. A literatura brasileira contemporânea segue a tendência da literatura ocidental, ao inserir-se num quadro que utiliza com bastante frequência da primeira pessoa narrativa, apresentando muitas vezes uma interface entre o real e o ficcional. Essa dimensão subjetiva do narrado propiciada pela primeira pessoa possibilita uma série de reflexões sobre questões como literatura, memória e autoria.

Outros cantos é de autoria de Maria Valéria Rezende e foi publicado no Brasil no ano de 2016. Através de sua escrita a autora propicia uma série de discussões, que vão desde as especificidades da narrativa em primeira pessoa e a questão do discurso autoficcional, até questões como vozes excluídas e silenciadas, testemunho e memórias da ditadura brasileira. Com isso, Rezende dá voz aos silenciados ao apresentar-nos uma mulher que, após vivenciar diversos exílios, retorna ao sertão nordestino e nos apresenta um registro poético de suas experiências. Para Zila Bernd,

É através dos textos literários que o imaginário popular aflora, que a realidade é contada a partir do ponto de vista dos mais fracos, dos que gravitam fora das esferas de poder, como as mulheres, os pobres, os que vivem nas periferias das grandes cidades, os oprimidos e os excluídos por preconceitos os mais diversos. (BERND, 2018, p. 130)

O texto literário de Rezende se enquadra na proposição de Bernd, ao nos apresentar o ponto de vista de uma professora que atravessa o sertão em uma viagem de ônibus, com destino ao vilarejo em que atuara como alfabetizadora há quatro décadas. O romance é narrado em primeira pessoa pela protagonista Maria, que em uma viagem de ônibus observa a paisagem e os passageiros que embarcam e desembarcam, e assim começa a rememorar a primeira vez que enveredou por aqueles cantos, há 40 anos. Maria era bastante jovem quando chegou a Olho d'Água, um povoado rural no meio do semiárido, para ser professora do **Mobral**, o programa de alfabetização do governo militar. A narradora entrelaça o passado rememorado e o presente vivenciado para recompor sua jornada, utilizando-se de uma coincidência onomástica entre autora, narradora e personagem que, aliada à presença de alguns traços autobiográficos da autora Rezende, possibilitam que o romance enverede para uma discussão sobre escrita autoficcional:

“Maria, Maria, Maria”, iam-me nomeando, eu me reconhecendo, “Bom dia”, somente Maria, um dos nomes que certamente me pertenciam, mas até então tinha ouvido apenas na chamada da escola ou na voz de minha mãe quando se enfadava, o nome que declarei ao chegar, nem sei mais a quem, para servir-me como senha, fazer-me uma entre todas as outras Marias do lugar onde eu devia esconder-me, tornar-me como um peixe dentro d'água, preparar o terreno para quem viesse depois de mim. Olhávamos curiosos, aquelas crianças e eu, não sabia mais o que lhes dizer, nem eles, intimidados eles e eu, e recomeçavam: “Bom dia, Maria”, um a um, até o constrangimento se desfazer em riso e eles saírem em correria pela rua branca. (REZENDE, 2016, p. 16)

Para o pesquisador Silviano Santiago (2008), o processo de contaminação entre o autobiográfico e o ficcional gera um novo discurso, de caráter híbrido, ao qual convém chamarmos de autoficção, formado por margens contaminadoras, ao invés das fronteiras limitadoras do autobiográfico e do ficcional; e essa característica se faz presente na narrativa de Rezende, que produz um texto ficcional permeado de elementos autobiográficos, dentre eles seu nome próprio. Para a teórica Diana Klinger, “nas práticas contemporâneas da ‘literatura do eu’ a primeira pessoa se inscreve de maneira paradoxal num quadro de questionamento da identidade” (KLINGER, 2012, p.34). Ainda para Klinger, o autor da autoficção retorna na forma de um jogo que brinca com o sujeito real. Nesse sentido, Rezende joga com o leitor, na medida em que disponibiliza informações sobre sua vida ao

longo de um texto dito ficcional. Também para Ana Cláudia Viegas, é necessário considerar a construção da figura autoral na contemporaneidade a partir de uma teorização contemporânea do sujeito (VIEGAS, 2007, p.15), refletindo ainda sobre a influência que exerce o sujeito fragmentado e descentralizado nas questões de autoria. É a impossibilidade de reproduzir a vida na literatura, como preconiza a autobiografia clássica, que abre possibilidades para o exercício da autoficção, em que o autor/narrador/personagem foge da representação de alguém célebre ou exemplar, e passa a apresentar-se como um sujeito comum, passível de erros, fraquezas, desilusões, alguém que muitas das vezes está desestabilizado e em busca de equilíbrio e autoconhecimento. Sobre a figura do autor na autoficção, Klinger comenta que:

Resumindo, consideramos a autoficção como uma narrativa híbrida, ambivalente, na qual a *ficção de si* tem como referente o autor, mas não como pessoa biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente. Personagem que se exhibe “ao vivo” no momento mesmo de construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre a subjetividade e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação. (KLINGER, 2012, p.57, grifos da autora)

Essa narradora/sujeito comum vai apresentando ao leitor ao longo da trama uma série de memórias em que diferentes episódios de sua vida se entrecruzam, em idas e vindas entre o tempo presente e o tempo passado. A protagonista percebe, ao longo da viagem, as modificações que o tempo propiciou no sertão nordestino, misturando as lembranças do passado à realidade ora presenciada:

O sertão não é mais sertão e ainda não virou mar. Fecho os olhos e minha memória recupera e estiliza a beleza despojada daquele meu outro sertão. Desde quando, sem que eu me desse conta, as casas sertanejas encheram-se de trastes e abandonaram aquela estética do essencial, minimalista, diriam hoje, que me encantava na minha casinha e em todas as outras de Olho d'Água? (REZENDE, 2016, p. 21-22)

Ao fechar os olhos e relembrar as paisagens do sertão, a personagem refaz sua experiência, agora no tempo presente, sendo que a experiência do momento a aproxima do seu passado através da recordação. Para o teórico Straub, o passado narrado na vida de um ser humano é um produto continuamente inacabado (2007, p. 84), pois é (re)construído pelo sujeito a partir de relações de seletividade, relevância e estruturação simbólica. Assim, para o autor:

O passado pode, por um bom motivo, ser ‘reescrito’ à luz de novas experiências no presente, assim como à luz das novas expectativas em relação ao futuro, ou à luz de novas ideias, normas e vocabulário. Por meio de uma nova descrição, podemos ficar ‘mais perto’ do passado – e do *eu* que está tecido nele – do que jamais foi possível, sem, de nenhuma forma, ‘falsificar’ retrospectivamente o passado. O que aconteceu, aconteceu e não pode ser mudado – mas *o que* aconteceu, como descrevemos o que aconteceu –, enquanto tratando-se de ações humanas e de acontecimentos a elas relacionados – como parte da narrativa/história e a narrativa de vida é, em princípio, uma pergunta constantemente em aberto. (STRAUB, 2007, p.85)

Assim, Rezende reescreve a sua história e a do povo do sertão, já que no tempo presente diversas memórias se reúnem para recordar sua histórias, e esse conjunto de recordações e descrições refazem continuamente a narrativa da vida:

Por mim, enquanto eu puder refazer o sertão das minhas lembranças e belos assombros revividos esta noite, os motoristas podem discutir pelo resto da vida. Eu não tenho pressa. Ou melhor, resta-me pouco tempo para passar a limpo meu velho sertão, destacá-lo da maçaroca de recordações acumuladas vida afora, muito pouco tempo para desenlear e re-enrolar até o fim esse novelo. Basta-me encostar a cabeça, fechar os olhos e volto mais que depressa para meu quartinho naquela madrugada de festa em Olho d’Água. (REZENDE, 2016, p.73)

Dessa forma, percebe-se que não é somente o espaço físico onde se desenvolve a narrativa que se modifica ao longo do tempo, mas também o sujeito é modificado, a partir da experiência por ele vivenciada. A teórica Leonor Arfuch reflete sobre as diferenças entre o *eu* que vivencia a experiência e o *eu* que mais adiante passa a narrá-la:

Efetivamente, para além do nome próprio, da coincidência “empírica”, o narrador é *outro*, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar: como se reconhecer nessa história, assumir as faltas, se responsabilizar por essa outridade? E, ao mesmo tempo, como sustentar a permanência, o arco vivencial que vai do começo, sempre idealizado, ao presente “testemunhado”, assumindo-se sob o mesmo “eu”? (ARFUCH, 2010, p. 46-47).

As idas e vindas temporais de *Outros cantos* narradas a partir da subjetividade da primeira pessoa autoral possibilitam o debate sobre questões

como identidade, outridade e experiência. Ainda sobre a modificação que a experiência ocasiona no sujeito, Gagnebin comenta que:

O autor que escreve sobre “si mesmo” escreveria muito mais sobre a transformação essencial pela qual passou do que sobre um “si” supostamente permanente; mais ainda: é *porque* ele passou por essa transformação que sente a possibilidade, muitas vezes a exigência, de contar; é porque ele se tornou *outro* que toma a palavra [...] Essa transformação essencial da qual o *ipse* quer dar testemunho no seu relato pode ser de diversas ordens: conversão, processo de desilusão e de aprendizado, descoberta da verdade e/ou da arte, mas também doença, guerra, tortura, prisão, campo de concentração. Contar esse processo de transformação inscreve a autobiografia na secular tradição literária da narração; narração de provações e experiências a ser compartilhadas com os outros. [...] O eu particular pode falar de si mesmo porque recolhe dentro de sua história a dimensão de uma *experiência* que ultrapassa sua mera individualidade. Sua história só se torna digna de relato quando perde seu caráter exclusivamente privado e se transforma no relato de um passado que não lhe pertence em particular, mas que também pertence aos outros. (GAGNEBIN, 2009, p.138-139, grifos da autora)

Através da subjetividade do relato, Rezende rememora suas experiências, dá voz aos silenciados e aborda ainda questões sociais do país. Ao mesmo tempo em que rememora, a personagem Maria dá pistas de seus exílios mundo afora, em países como México, França e Argélia, derivados de sua missão como educadora popular, tarefa que iniciou ainda durante o regime ditatorial, e que a acompanhou por toda sua vida:

Quanto mais me dedicava a aprender, compreender e ensinar, mais percebia quão longo seria o caminho, mas eu queria, sim, ficar ali, cumprindo o papel que me deram eles de lhes contar histórias, ou o que me tinham dado os companheiros, de mudar a História, sob a máscara da professora que o governo mandou para ensinar gente grande a ler, livro nenhum por enquanto, todos os livros do mundo um dia, depois, e esperando chegarem a hora e os sinais da possibilidade de mudar o que produzia tantas dores, sem perder, porém, o que era só beleza. (REZENDE, 2016, p.144)

A literatura brasileira contemporânea busca, muitas das vezes, retratar a realidade social a partir de temáticas como violência e exclusão social, em uma tentativa de retratar as experiências e histórias do povo brasileiro. A protagonista de *Outros cantos* narra suas experiências, e retorna para o nordeste do Brasil depois de vários exílios, sendo que a memória de outros cantos (vozes e lugares) embaralha-se a outras poéticas, em uma narrativa memorialística tanto de si quanto do outro:

Éramos muitos, decididos a assumir esse caminho, mas onde estariam os outros? Vivos? Desaparecidos, desanimados, apanhados pelos olhos perscrutadores da ditadura, torturados, resistindo ou não? Naqueles anos, para nós, a invisibilidade e a incomunicabilidade eram condições essenciais para o êxito. Não havia atalho para cortar caminhos, e toda a nossa pretensa ciência, expressa em linguagem alheia, não encontrava canal de comunicação nem convenceria os pobres e oprimidos, cuja experiência de um mundo duramente concreto contradizia qualquer ideário abstrato, importado de fora para dentro e de cima para baixo. Havia que aprender tudo para poder ensinar. Não havia fórmula já testada nem manual a seguir. Inventar fazendo, era o jeito. (REZENDE, 2016, p. 105-106)

Rezende rememora, através da narrativa, momentos de submissão, coragem e luta, revivendo assim um importante momento histórico brasileiro, que foi o período da ditadura. Com isso, reconstrói no tempo presente importantes momentos históricos que foram vivenciados no passado. Já afirma Beatriz Sarlo que o passado é sempre conflituoso, e que se faz presente:

E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio*. (SARLO, 2007, p.10)

A teórica Sarlo trabalha ainda com o que denomina guinada subjetiva, baseada em um reordenamento ideológico e conceitual do passado atrelado a uma renovação temática e metodológica que a sociologia da cultura e os estudos culturais realizam sobre o presente, juntamente à aceitação de uma dimensão subjetiva do relato:

A ideia de entender o passado a partir de sua lógica (uma utopia que moveu a história) emaranha-se com a certeza de que isso, em primeiro lugar, é absolutamente possível, o que ameniza a complexidade do que se deseja reconstituir; e, em segundo lugar de que isso se alcança quando nos colocamos na perspectiva de um sujeito e reconhecemos que a subjetividade tem um lugar, apresentado com recursos que, em muitos casos, vêm daquilo que, desde meados do século XIX, a literatura experimentou como primeira pessoa do relato e discurso indireto livre: modos de subjetivação do narrado. (SARLO, 2007, p. 18)

Rezende utiliza-se dessa primeira pessoa do relato para testemunhar suas experiências, e também as experiências do povo do sertão. Ao colocar suas

lembranças no papel, mesmo em um discurso que se apresenta enquanto ficcional, Rezende realiza um ato político de luta contra o esquecimento. Ainda para a teórica Beatriz Sarlo:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p. 24-25)

A narradora Maria apresenta-se como uma contadora de histórias. É neste canto do Nordeste que Maria vai ouvir e dar voz aos silenciados. Podemos interpretar a metáfora de *Outros cantos* a partir do sentido de cantar e dar voz, até a ideia de espaço físico, relacionada aos diferentes cantos e lugares que a protagonista percorreu. Ao mesmo tempo em que rememora suas experiências, Maria dá voz aos excluídos, aos silenciados, apontando ainda problemas de desigualdade social, de exploração, de alienação. A filósofa e pesquisadora Jeanne Marie Gagnebin, ao desenvolver uma releitura do ensaio *Sobre o conceito de história* de Walter Benjamin, aponta que o narrador, assim como o historiador:

...também seria a figura do trapeiro, do lumpensammler ou do chiffonier, do catador de sucata e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacós, os restos, os detritos, movidos pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder [...]. Esse narrador sucateiro [...] não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer [...], aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste - aqueles que desapareceram tão por completo que ninguém lembra seus nomes. (GAGNEBIN, 2006, p. 53-54)

Podemos entender a narradora de *Outros cantos* enquanto uma investigadora da história dos silenciados, uma catadora de histórias anônimas e desconhecidas, uma coletora de rastros, que em seu romance apresenta-nos histórias que tem muito a dizer e a acrescentar na história da coletividade, tendo

em vista a presença da rememoração tanto individual quanto coletiva desenvolvida ao longo de sua narrativa:

Quantas histórias possuíam! Algumas tão extraordinárias e imaginativas que eu muitas vezes pedia de novo, compondo assim minha biblioteca mental talvez mais rica do que a outra, de papel, trazida na minha exígua mochila. Era assim a história de certo Lázaro, da qual também não sabiam precisar a época, mas sabiam de tudo o mais, até dos sentimentos mais profundos do personagem, que reinventavam a cada narração e eu reinvento agora. (REZENDE, 2016, p.87)

A pesquisadora Gagnebin aponta para a fragilidade tanto da memória quanto da escrita, bem como para a existência de uma tensão entre presença e ausência de memória, destacando que o historiador deve “lutar contra o esquecimento e a denegação, lutar, em suma, contra a mentira, mas sem cair em uma definição dogmática de verdade.” (GAGNEBIN, 2006, p. 44). Gagnebin reflete sobre a importância da reconstituição do passado enquanto tarefa política, enquanto forma de resistência e tentativa de evolução no tempo presente:

Enquanto Homero escrevia para cantar a glória e o nome dos heróis e Heródoto, para não esquecer os grandes feitos deles, o historiador atual se vê confrontado com uma tarefa também essencial, mas sem glória: ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados. Sua "narrativa afirma que o inesquecível existe" mesmo se nós não podemos descrevê-lo. Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro. (GAGNEBIN, 2006, p.47)

Maria Valéria Rezende, ao retomar, dentre outros, o tema da ditadura na contemporaneidade, propicia essa manutenção da memória a que se refere Gagnebin. Nesse sentido, podemos perceber a narrativa de Rezende a partir de sua dimensão política, já que opera no sentido de lutar contra o esquecimento, e o faz através da escrita literária. A autora finaliza seu romance com uma mensagem de resistência, esperança e desafio:

Clareia a madrugada. Volto finalmente, de vez, a este presente no qual ainda creio ter uma missão, infindável mas impossível de abandonar, alicerçada na paciência e na esperança a resistir, há bem mais de quarenta anos, aos percalços, aos avanços, às decepções, aos eternos desafios, o legado mais precioso do povo de Olho d'Água. Pela janela do ônibus já se veem, ao longe, as luzes ainda acesas da cidade onde outros me esperam para abanar com minhas palavras as brasas de suas esperanças, razão de mais esta viagem, ainda movida a sonhos. (REZENDE, 2016, p.145-146)

Podemos perceber na narrativa de Rezende a construção de um espaço de reflexão que parte do ponto de vista de uma professora do sertão brasileiro que vivenciou o período da ditadura e que busca, através da escrita, romper com os silenciamentos ainda vigentes. Em *Outros cantos*, Rezende reúne uma série de experiências que perpassam diversificadas situações, que vão desde supostas experiências da autora/narradora/personagem, insinuadas pela narrativa em primeira pessoa e pelo uso romanceado de seu nome próprio, até os relatos de experiências de diversos personagens secundários, que vão surgindo ao longo da narrativa. Com isso, a autora produz um discurso literário permeado de história e memória, memória esta acompanhada de esquecimentos, lapsos e desvios, ou seja, de seletividades. Entendendo a necessidade da luta contra o esquecimento, conclui-se que através da literatura é possível operar enquanto forma de resistência, em uma tarefa política que visa à reescrita da história a partir da voz daqueles que tradicionalmente tiveram menos oportunidades em se manifestar. Nesse sentido, a escrita autoficcional contribui também para as reflexões sobre a dimensão política do ato da escrita, na medida em que potencializa a problematização da contaminação entre o que possui fundo autobiográfico e o que é ficcional.

Referências

- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. 1ªed. 3ª reimp. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- BERND, Zilá. *Imaginários americanos: transferências, interpenetrações, transações*. In: A persistência da memória. Porto Alegre: BesouroBox, 2018.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Entre moi et moi-même” (“Entre eu e eu-mesmo”). In: GALLE, Helmut, org. e outros. *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, 2009.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- REZENDE, Maria Valéria. *Outros cantos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

SANTIAGO, Silvano. *Meditação sobre o ofício de criar*. Aletria, Belo Horizonte, v.18, n.01, p.173-179, 01 jul. 2008. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/meditacao-sobre-o-oficio-de-criar-de-silvano-santiago-2/>

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STRAUB, Jürgen. “Memória autobiográfica e identidade pessoal. Considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa”. In: GALLE, Helmut, org. e outros. *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. Trad. Marcelo T. A. Silva. São Paulo: Annablume, 2009.

VEIGAS, Ana Cláudia Coutinho. O “retorno do autor” – relatos de e sobre escritores contemporâneos. In: VALLADARES, Henriqueta do Couto Prado. *Paisagens ficcionais: perspectivas entre o eu e o outro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

Para citar este artigo

SILVA, Janaína Buchweitz e. Considerações sobre autoria, memória e escrita autoficcional a partir do romance *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 2, p. 284-294, maio-ago. 2020.

A autora

Janaína Buchweitz e Silva é graduada em Letras/Português pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)